

ESTADO DE SÃO PAULO

FINANÇAS

Aumenta o número de investidores em títulos da dívida externa

Ricardo D.S. Torres

Somente agora, dois anos após o lançamento dos títulos da dívida externa brasileira em abril de 1994, dentro do plano de reestruturação das dívidas soberanas apresentado por Nicholas Brady, ex-secretário do tesouro norte-americano, os investidores brasileiros começam a prestar mais atenção neste mercado. A cada dia, a participação de investidores "locais", como somos chamados, aumenta em volume e em número de participantes.

Um mercado que, atualmente movimentada cerca de US\$ 4 bilhões diários entre compras e vendas, somente em títulos brasileiros. O Brasil tem US\$ 52 bilhões em títulos variados no mercado internacional, com vencimentos entre 1990 e 2024. O grande responsável por esse renovado interesse de brasileiros em investir neste mercado foi o advento do Plano Real. Antes da existência do Real, era inviável participar de um mercado que pagasse taxas de juros tão baixas, se comparada com as taxas correntes no mercado doméstico brasileiro.

Hoje, com as taxas de juros internas rumando para a estabilização a níveis internacionais, o investimento em ativos denominados em dólar americano da dívida "Brady", chegam remunerar até 18% ao ano. Além disto, existem estruturas que podem tornar este retorno ainda maior para o investidor de médio prazo. Com a estrutura de Leverage ou, alavancagem, os retornos são aumentados, trazendo a rentabilidade, em al-

guns títulos, próximos dos 30% ao ano. Esses carregam cupom de juros, pagáveis semestralmente, e tem o seu preço de compra e venda variável, com relação ao valor de face. Portanto, o investidor deverá observar que, conforme as taxas de juros referenciais do mercado de títulos do tesouro americano oscilam, afetam inversamente o preço unitário de negociação dos títulos brasileiros.

O Brasil tem US\$ 52 bilhões em títulos variados no mercado internacional

Vale ressaltar que os preços sofrem grande oscilação durante curtos períodos de tempo. Para o investidor de médio e longo prazo, os títulos têm oferecido grandes retornos, pois além de pagarem a rentabilidade mencionada acima, tendem a apreciar conforme vão chegando mais próximos do vencimento. O conceito de formação do preço está diretamente relacionado ao potencial futuro de pagamento da dívida. Assim sendo, conforme nos aproximamos do vencimento do ativo, o risco de pagamento diminui.

O crescente volume apresentado em conjunto com o interesse criado entre os novos potenciais investidores (fundos de pensão, empresas que tem exposição ao

mercado internacional e bancos), principalmente após a criação do contrato futuro de C Bonds (bônus C) na Bolsa de Mercadorias e Futuros de São Paulo, BM&F. Essa nova parcela de investidores tem atraído os grandes bancos internacionais para o mercado brasileiro, que vem se instalando no Brasil, no preparo para atender a demanda crescente vislumbrada. Além da criação de novos empregos, estas instituições estão trazendo uma nova maneira de atuação nos mercados de capitais, uma nova maneira de conduzir as operações, junto a clientes tornando a cultura do mercado financeiro internacional disponível para nossos profissionais.

Com o volume esperado nas negociações o que certamente deverá ocorrer será uma apreciação nos preços dos ativos ao longo do tempo, bem como uma melhora no risco do país, trazendo mais recursos para serem investidos no Brasil a custos mais baixos. Na Argentina, por exemplo, este efeito já vem ocorrendo há algum tempo. Em Buenos Aires, hoje em dia, até os motoristas de taxi já são detentores de títulos da dívida externa do país, conversam fluentemente sobre as movimentações das taxas de juros americanas e acham muito bom terem comprados ativos, através das divisões de Private Banking de seus bancos locais. Acreditam terem feito um bom negócio pois além da rentabilidade ser boa, ajudam a melhorar a credibilidade do país no exterior. Muito em breve, se as taxas de juros no Brasil continuarem a cair, teremos um situação similar por aqui.